Influência de Soriano de Albuquerque na Cultura e nas Letras Caririenses

Joaryvar Macêdo

Aos 8 de janeiro de 1877, nasceu Manuel Soriano de Albuquerque, no Engenho Frescundim, município de Água Preta, em Pernambuco. Foram seus pais Inácio Francisco de Albuquerque e Margarida Trifônia de Albuquerque.

Concluiu o curso de preparatórios em 1895, matriculando-se na Faculdade de Direito do Recife. Ao passo que estudava, trabalhava no comércio, revelando-se, muito novo ainda, bom orador, poeta e pintor.

Desprovido de meios para a aquisição de livros, associou-se ao Gabinete Português de Leitura, onde, com assiduidade, lia autores nacionais e estrangeiros.

Bacharelou-se em 1899.

Em Recife granjeara a amizade de Manuel Belém de Figueiredo, rebento do famanaz Cel. José Belém de Figueiredo, então chefe político e mandão do Crato.

Vaga a Comarca cratense, o futuro Prof. Dr. Manuel Belém de Figueiredo fez ao genitor a indicação do amigo, no que aquele aquiesceu de bom grado, obtendo do Presidente Nogueira Acióli a nomeação do Dr. Soriano para Juiz Substituto do Crato, aonde chegou, com vinte e três anos, em janeiro de 1900. Acolhido pelo Cel. Belém, tratou logo de formar boas amizades no novo habitat, inteligente e educado que era.

Na cidade, ainda monótona e rotineira da transição do pretérito para o presente século, procurou Soriano engajar-se na

vida social, "organizando revistas teatrais que ele mesmo escrevia e encenava, desenhando e pintando os cenários".

Interessado no aprimoramento mental da juventude local, fundou o Colégio Leão XIII, com internato e externato, onde ele próprio lecionava, coadjuvado por sacerdotes, inclusive o Pe. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, depois primeiro bispo da Diocese. Do seu educandário "saíram médicos, engenheiros, bacharéis e obreiros para todos os ramos da atividade pública".

Visando ao incremento do gosto pelas letras, por parte da mocidade contemporânea, integrou o movimento responsável pela fundação de uma agremiação literária, chamada Clube Romeiros do Porvir. Lado a lado de Esmeraldo Sobrinho, dava publicidade ao *A Semana,* órgão oficial do Colégio, o qual evoluiria para Sul do Ceará. Tudo isso em 1901, quando o Cel. Belém começava a editar a folha *Cidade do Crato,* sendo-lhe redatores Soriano e Peixoto de Alencar, responsabilizando-se o primeiro pelos artigos de fundo político, crônicas e pequenas críticas à obra de ficção. No ano seguinte, circulava uma revista dos alunos do Colégio intitulada *Coração do Ceará,* constando do corpo redatorial os nomes de Miguel Lima Verde, Paulo Alencar, Henrique Teles, José Belém Filho, Aderson da Franca, Cândido Gonçalves, Cícero de Alencar e Felismino Peixoto.

Moço arguto, projetando-se e desfrutando do prestígio do Cel. Belém e exercendo sobre ele certa ascendência, os ambiciosos e mesquinhos, envolvidos nas malhas da politicalha, iniciaram, sorrateiramente, a ignóbil tarefa de aniquilação do cintilante e talentoso magistrado. E só tiveram sossego quando o viram incompatibilizado com o seu protetor.

A pedido e por influência do advogado José Bernardino Carvalho Leite e outros políticos, transferiu-se Soriano para a Comarca de Barbalha, em setembro de 1902. Havia um ano se casara com a cratense Júlia Milfont de Amorim.

Removido para Barbalha, lá reinstalou o Colégio Leão XIII, mantendo, inclusive, um curso noturno, destinado aos empregados no comércio. Figurou, como seu grande colaborador, nas lides do magistério, o Prof. José Joaquim Teles Marrocos.

Por essa época, instituía-se, na Terra dos Canaviais, a Sociedade Instrutiva José Marrocos, cujo escopo era "desenvolver a instrução entre seus membros e prepará-los para a vida prática pelo exercício da pena e da palavra". À entidade em apreço, bem como às preexistentes, o Gabinete Barbalhense de

Leitura e o Progresso Artístico Literário, Soriano associava-se, com todas as veras e com sua fulgurante inteligência.

Em Barbalha inaugurou, ainda, o Colégio Coração de Maria, apropriado à instrução e educação do sexo feminino, cabendo a direção a sua irmã Maria de Albuquerque. Criou, outrossim, o *Jornal do Cariri.*

A esse tempo, enquanto mandava suas colaborações para a revista pernambucana *A Cultura Acadêmica,* movimentava-se em ordem a ingressar no corpo docente da Faculdade de Direito, inaugurada, em Fortaleza, no ano de 1903.

Com a deposição de Belém, o Cel. Antônio Luís Alves Pequeno, assumindo o poder, em Crato, fundava, em 1904, o jornal político *Correio do Cariri* e convidava a Soriano para redator-chefe, exercendo ele a função por sete meses.

Em 1905, o Presidente Acióli nomeava-o lente da Faculdade Livre de Direito do Ceará. Anteriormente, Soriano fizera publicar, em Fortaleza, um volume, reunindo composições dos seus dias do Recife e que intitulou de *Volatas,* merecendo elogiosas referências de escritores de renome nacional.

Em Fortaleza, a cavaleiro de críticas severíssimas dos despeitados e invejosos, críticas por vezes descambadas para deboche e achincalhe, o que sói acontecer por parte dos espíritos que se sentem mal com a projeção de outrem, Soriano, através do estudo e da cátedra, brilhou e agigantou-se. Na Capital do Estado recebeu o grau de doutor. Fundou a revista *A Juridicidade,* que obteve ressonância até no Exterior. Tornou-se colaborador assíduo dos periódicos fortalezenses. Conquistou, pelo fascínio de seus predicados, a mocidade acadêmica. Instituiu o Curso de Ciências e Línguas, a Escola Polimática do Ceará e a Faculdade de Letras, a segunda do Brasil, tudo ao lado de intelectuais e professores de nomeada. Fundou a *Revista de Sociologia.* "Empenhou-se pela moralização do ensino superior". Foi eleito membro do Instituto do Ceará, mas já possuindo diplomas de sociedades científicas estrangeiras. Fez-se pioneiro da Sociologia em terras brasileiras.

Após conseguir vitórias sobre vitórias e firmar-se como "o último mestre no Ceará a congregar em torno de si toda a mocidade", no asserto de Abelardo F. Montenegro, finou-se ele, apenas ultrapassando os 37 anos de idade, no dia 5 de setembro de 1914, vitimado pela tuberculose, agnóstico e sem recursos.

Não obstante a brevidade de sua existência, vivida entre trabalhos, vigílias e canseiras em favor do magistério, em prol da Ciência, publicou algumas monografias e da sua bibliografia

consta quase uma centena de escritos, estampados em periódicos do Cariri, Recife, Fortaleza e Rio de Janeiro.

Figura discutida, no perpassar dos tempos, mereceu Soriano do sociólogo e acadêmico Abelardo F. Montenegro uma interpretação biográfica intitulada "Soriano de Albuquerque, um Pioneiro da Sociologia no Brasil", da qual, aliás, extraímos as notícias sobre ele, ora expostas. Trabalho criterioso, completo, minudente, de percucientes perquirições, última palavra em suma, a respeito do grande mestre e pensador, em cujas derradeiras páginas se lê sobre Soriano:

"Filho de modesto proprietário de terra consegue, à custa de esforço, formar-se. Emigra para ganhar o pão. Ingressa na magistratura. Funda colégios na hinterlândia. Redatoria jornais. Ministra a justiça numa área de cangaço. Abandona a magistratura pelo magistério superior. De católico passa, paulatinamente, a agnóstico. De espiritualista a spencerista, e, depois, a bergsonista. Colabora em jornais e revistas. Na capital funda educandários e revistas científicas. Corresponde-se com juristas e sociólogos de fama internacional. A sua obra revela múltiplas influências. Em sociologia, segue a René Worms e De Greef; em psicologia, a William James; em filosofia, a Spencer e, depois, a Bergson; em direito, a Ihering e H. Post. Sílvio Romero, Artur Orlando, Martins Júnior, Fausto Cardoso, Clóvis Beviláqua e Paulo Egídio constituem a equipe nacional que o ajudava a formar cultura literária e científica. Em dez anos, Fortaleza assiste à passagem do jovem mestre Soriano, que se exaure na disseminação do conhecimento. Morre pobre."

Quando um dia se proceder a uma análise eqüânime do movimento educacional, cultural e literário da região sul-cearense, nos primeiros anos do Século XX, por-se-á em relevo o nome do Dr. Manuel Soriano de Albuquerque, que forjou caracteres, sacolejou consciências e despertou pendores.

Valha este rápido bosquejo como preito à memória dele, que, mercê de um dinamismo incomum, no alvorecer mesmo do presente século, revolucionou o Cariri. E como revolucionou!? Escrevendo e organizando revistas teatrais, criando educandários, instalando grêmios literários, fundando periódicos, exercendo, destarte, preponderante influência na cultura e nas letras da região.